



**(IM)POSSIBILIDADES DE SENTIDOS PARA A ESCOLA
ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS DE ALUNOS DO 1º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Isis Naiane de Jesus Santos

*Universidade Estadual de Feira de
Santana*

Resumo

Este artigo apresenta parte da minha monografia de conclusão de curso da Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual de Feira de Santana (BA), intitulada “O espaço escolar e as (im)possibilidades de sentidos para a escola através de fotografias dos alunos”, onde pretendi compreender, a partir do olhar de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola Municipal da cidade de Feira de Santana (BA), através de fotografias por elas produzidas, como se expressam as relações existentes entre as crianças e o espaço escolar, fundamentando-se, principalmente, em autores como Dayrell (1996), Goncalves (2001), Horn (2007), entre outros. Participaram da pesquisa 11 crianças, de ambos os sexos, com idade entre 6 e 7 anos, da turma em que trabalho como professora auxiliar. Os resultados demonstram que o espaço escolar, quando mostrado pelas crianças, apresentam inúmeras significações e sentidos, e que tais elementos contribuem na produção de saberes, valores e comportamentos.

Palavras-chaves: Espaço escolar;
Fotografias.

**(IM)POSSIBILITIES OF SENSES FOR THE
SCHOOL THROUGH STUDENTS
PHOTOGRAPHS THE 1ST YEAR OF
ELEMENTARY SCHOOL**

Abstract

This article presents part of my final course monograph at the State University of Feira de Santana (BA/Brasil), entitled "The school environment and the (im)possibilities of senses for the school through students photographs". In this study I intended to understand how are the expressions of the relations between the children and the school. And I meant to do so through the eyes of children's coursing the 1st year of elementary school in a municipal school in the city of Feira de Santana (BA), through photographs produced by them. I have based my analysis mainly on authors as Dayrell (1996), Gonsalves (2001), Horn (2007), among others. The participants were 11 children, of both sexes, aged 6 and 7 years, of the class in which I work as assistant teacher. The results demonstrate that the school environment, when shown by children, have numerous meanings and senses, and that these elements contribute to the production of knowledge, values and behaviors.

Keywords: School environment; Photograph.

A sala de aula como multiplicadora de sentidos da escola

*O giz
Foi quando, de repente, ali estava, bem diante de mim na
lousa, aquele pedaço calcário de história, nostálgico... Sim,
muito tempo se passou, mas um detalhe ainda persiste: o giz
de lousa. Quem diria que aquele toco branco me traria tão
boas lembranças? Pois é, trouxe, e com ele veio um gancho
para o cheiro de pó de giz que sempre ficava na sala de aula
quando a professora apagava a lousa. As finas partículas
em suspensão no ar pairavam até que algum pobre aluno
as captava com o nariz. Todos odiavam; alguns, como eu,
começavam um ataque, em conjunto, de espirros, quase
que como em um campeonato em que participavam apenas
pessoas alérgicas. (Pedro)*

Maria Inês P. Rosa e Tácia A. Ramos
“Memórias e odores: experiências curriculares na formação docente” (p. 568, 2008)

Espirros, memórias, lousas, giz, cadeiras, banheiros, pátios, salas de aula, alunos, professores, um conjunto praticamente incontrolável ao nos remetermos à escola como espaço, tempo, sensações, conhecimentos, pensamentos sobre a constituição de um lugar tão complexo, fragmentado, intenso: a sala de aula.

Constituída em um território em que as construções identitárias e as que se consolidam através das práticas educativas, a escola exerce sobre os sujeitos, em especial as crianças, em seus diferentes espaços, uma determinada “concepção educativa” (DAYRELL, 1996), afim de inculcar normas e valores socioculturais.

Sendo um ambiente em que os infantes passam a maior parte do seu tempo convivendo com diferentes sujeitos e espaços, vivenciando experiências, a escola é composta pelo conjunto de interações entre crianças e crianças, professor e crianças, as crianças e a arquitetura escolar, provocando intensas vivências que lhes acompanharão para muito além dos aprendizados dos conceitos e saberes das mais diferentes áreas do conhecimento.

Este texto vem apresentar uma pesquisa que considera a arquitetura escolar como uma construção social, tornando-se fonte de informação e saberes, participando ativamente desta “concepção educativa”. Entender a arquitetura como uma dimensão material pertencente à cultura da escola vem se constituindo um importante fator para compreender a educação escolar na sua totalidade, não apenas refletindo sobre este espaço, mas agindo sobre ele (GONÇALVES, 2001).

Sobre as discussões acerca da influência do espaço escolar na vida das crianças, Horn (2007) afirma que este ambiente não pode ser considerado neutro. Para ela, este espaço,

[...] possibilita oportunidades para a aprendizagem, por meio das interações possíveis entre crianças e objetos e delas entre si. A partir dessa perspectiva, o espaço nunca é neutro, podendo ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas espaciais que estão postas e das linguagens que estão representadas (HORN, 2007, p.102).

Para tanto, é necessário considerar que não é somente o saber sistematizado, disseminado através de uma grade curricular que proporciona a produção de conhecimento. O meio físico que compõe o espaço escolar: os móveis e objetos dispostos pelos corredores, cantinas, salas de aula, a disposição na arrumação de cartazes, quadro, seja ele de giz ou não, a arrumação das cadeiras, os brinquedos também propagam e produzem conhecimento.

Dispondo de salas de aulas, corredores e muitos outros locais, a maioria dos prédios escolares é projetada de forma a levar todos a construir significações da escola a partir do espaço (DAYRELL, 1996). Carregada, portanto, de significados, a escola é constituída por espaços e lugares que possibilitam aprendizagens das crianças. Responsável pela produção de saberes e conceitos, esta instituição educativa contribui para a constituição identitária e disciplinar destes indivíduos seja na sala de aula, pátios, biblioteca ou outros ambientes percorridos pelos alunos.

Elali (2003), ao afirmar que “o meio físico tem impacto direto e simbólico sobre seus ocupantes, facilitando e/ou inibindo comportamentos” (p.300-311), proporciona que consideremos a escola um dos espaços onde ocorre a afirmação das condutas necessárias para a inserção das crianças na sociedade. Sendo assim, a organização deste ambiente passa a ser pensada a fim de que possa oferecer um lugar acolhedor e propiciador de saberes para as crianças, isto é, um lugar onde elas possam brincar, (inter)agir, inventar, aprender e (re)criar.

Então, entender que os alunos e professores não são apenas agentes passivos diante desta organização, mas sim, sujeitos ativos é afirmar que este espaço, imprime significações em seus ocupantes, pois é formado por um confronto de interesses que age contra a passividade dos indivíduos neste ambiente (DAYRELL, 1996). Confronto este, concretizado desde a arquitetura da escola até a ocupação deste espaço, produzindo conhecimentos através de regras, ritmos e dos encontros realizados na escola.

O espaço escolar apresenta, em sua configuração interna, um território segmentado que instaura sentidos e significados, principalmente na sala de aula. Resultado de sua ocupação e da utilização dos seus ambientes, as várias dimensões implícitas neste espaço permite compreendê-lo como uma linguagem a ser decifrada a partir das sub culturas que a habitam (JULIA, 2001). Portadora de inúmeros significados, a estruturação das dependências da escola se constitui em vertentes de organização da cultura escolar, que pode ser entendida como,

um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10, grifos do autor).

Olh@res, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 410-431, Novembro, 2013.

Estas normas e condutas determinam a ocupação dos espaços escolares, além de propagar conhecimento e valores para as crianças, visando moralizá-las. Considerando esse cenário para o desenvolvimento da pesquisa, torna-se necessário considerar o espaço escolar como um lugar demarcado por um conjunto de limites, funcionando como um transmissor de hierarquia, valores e princípios (VINÃO, 2005). Esta cultura que se comunica com seus ocupantes através do modo organizativo da escola e se articula em torno do conhecimento e saberes deve também garantir espaços de diálogo para valorizar os sujeitos nela inseridos.

Sobre os espaços destinados à educação sistematizada, é necessário um ambiente que participe ativamente da formação e construção de saberes. Refiro-me à sala de aula, cuja função está intimamente relacionada às concepções educativas que imprimem valores, conceitos e comportamentos de quem lá transita. Neste espaço, as atividades propostas pelo professor, que atua como agente mediador entre o conhecimento escolarizado e o aluno, estabelecem significados à medida que se inter-relacionam com o ambiente escolar.

As crianças, ao chegarem à escola, trazem consigo um conjunto de experiências vivenciadas nos diferentes espaços sociais, compartilhadas através das atividades escolares, das brincadeiras e do contato com o outro, possibilitando a criação de novos sentidos e significados sobre o ambiente escolar através das interações possíveis entre os diversos atores da escola, humanos e objetos. Acompanhando Souza (1998, p.142), as salas de aula “são lugares onde se estabelece uma rede de relações de identidades, afetos, emoções, manifestando uma série sucessiva de restrições e interdições ao deslocamento dos corpos”.

Além de uma moralização dos gestos e sensações, a sala de aula também precisa ser organizada seguindo conceitos e normas que

visam moldar o comportamento das crianças a partir de princípios que visam o disciplinamento dos seus corpos e ações. [...] “A moldagem dos corpos, seu disciplinamento é não apenas um dos componentes centrais do currículo, mas provavelmente, um de seus efeitos mais duradouros e permanentes” (SILVA, 1995, p.203).

Compreendido numa perspectiva definida em diferentes dimensões, o ambiente da sala de aula participa como um elemento curricular pouco explícito, mas muito marcante. Apostando neste cenário, Silva (1995) nos traz que é através do currículo “que os corpos são moldados, porque ele ensina gestos, formas de agir, movimentos, tornando controlável o corpo incontrolável” (p.203).

A sala de aula então é constituída por uma abundância de sentidos que atuam não como algo passivo, mas sim, com a finalidade de disciplinamento e de controle, intervindo na vida de quem a ocupa: as crianças, os professores, os objetos, os currículos. Assim, o espaço escolar, por meio dos seus objetos e disposição arquitetônica, constitui uma fonte indiscutível de ensinamento, disciplinamento e (des)controles.

Foucault, em *Vigiar e Punir* (1999), discorre sobre a relação que existe entre o conceito de disciplina e a escola. Seus estudos demonstram que o conceito de disciplina seja entendido como uma forma de controle sobre os indivíduos. Para ele “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (idem, p.121).

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permiteu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. [...]. Então, a sala de aula formaria um grande quadro único, com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente “classificador”

do professor. (FOUCAULT, 1999, p. 126, grifo do autor).

Essa forma de controle citada por Foucault possibilita entendermos que o espaço escolar, através do olhar atento e determinante do professor, ensina comportamentos. Para a efetivação da disciplina muitas vezes a escola guia e reforça diferentes modos de ser e de se comportar, apesar de meninos e meninas estarem ocupando o mesmo espaço. Deste modo, eles vão assimilando, construindo padrões diferenciais de comportamento e internalizando o modelo com o qual devem se identificar.

Relacionado a um conjunto de aspectos institucionalizados que assinala a escola como organização incluída num sistema de práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos, através dos materiais organizativos que compõem a sala de aula, a sua arquitetura assume uma dupla dimensão produtora de significações: a institucional e a cotidiana Dayrell (1996). Institucionalmente, a escola é organizada por um conjunto de normas e conhecimentos escolarizados que visam delimitar os atos e as ações dos sujeitos participantes deste ambiente enquanto que, cotidianamente, são criadas, neste espaço, estratégias capazes de produzir e construir relações de afetividade, conflitos, combinações entre as pessoas envolvidas com a escola.

É necessário pesquisar o quanto a escola, seus materiais pedagógicos e espaços, em especial os dispostos na sala de aula, atuam no disciplinamento e controle dos corpos das crianças influenciando as relações existentes entre elas e o espaço escolar, devendo investigá-lo como um lugar aberto onde existam espaços para o conflito, para (re) organização, (re) construção de saberes, valores e comportamentos.

Percurso Metodológico

Esta pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Ensino Fundamental I, em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, na qual sou professora auxiliar. Localizada em um bairro periférico da cidade de Feira de Santana-BA a escola atende, em média, trezentos alunos nos turnos matutino e vespertino. A sala onde desenvolvemos a pesquisa conta com dezenove crianças: dez meninas e nove meninos. Devido à dificuldade de contar com o total das crianças no período da pesquisa por vários motivos, tais como doenças, viagens familiares, entre outros contratemplos, participaram deste trabalho cinco meninos e seis meninas, com idades entre 6 e 7 anos. É importante salientar que o trabalho foi realizado com o consentimento da unidade escolar, além do pedido de autorização para o desenvolvimento da pesquisa.

A minha inserção, como professora auxiliar dessa turma, me possibilitou perceber o quanto às crianças, sofrem uma grande quebra de suas rotinas, ao se tornarem participantes de um novo espaço (Ensino Fundamental). Este passo possibilitou-me perceber o quanto o espaço escolar é repleto de significações, instigando-me a pesquisar como elas são representadas e apresentadas pelas/para crianças de 6 e 7 anos.

A coleta dos dados foi realizada no período de 4 a 15 de Junho de 2012, totalizando dez dias de observações e produção de fotografias. Durante estes dias foram entregues às crianças algumas máquinas para que elas pudessem fotografar a sala de aula e seus componentes. As fotografias foram produzidas no período da *acolhida da turma*, período que dura em média 20 minutos. Neste momento, são realizadas diversas atividades como, por exemplo, brincadeiras

com massinhas, jogos educativos, brinquedos, etc. Possibilitando essa oportunidade de fotografar, desejava descobrir as maneiras pelas quais esses alunos retratam a escola, quais suas relações com o espaço escolar e seus objetos, na intenção de também observar a expressão de um currículo da escola.

Saber o que elas fotografam é um dos múltiplos registros possíveis para entender o que as crianças acham da escola, na medida em que metodologicamente compartilhamos das posições que concebem as crianças como sujeitas portadoras de falas propositivas de novos caminhos para a instituição escolar. (SILVEIRA, S/d, p.3)

Consideramos, para essa pesquisa, que o ato de fotografar permite ver além daquilo que está nas imagens. Mesmo sendo um objeto produzido com a intenção de reter e aprisionar sentidos, a fotografia possui outra força, efetuando em sua superficialidade, em seu silêncio, dizeres e expressões que dão aberturas para sentidos não determinados (WUNDER, 2008). A pesquisadora ainda afirma que as fotografias contribuem para a construção de inúmeros significados, (in)visíveis a quem as vê, tornando-se

uma forma de contar sem palavras, de trazer à vista cenas, práticas e políticas pouco aparentes nas edições comumente realizadas sobre escolas: os gestos sutis do aprender a ler, os olhares por entre as fileiras escolares, os instantes de ajuda entre as crianças, a diferença que há na repetição do cotidiano da sala de aula, corpos a escrever, a modelar, a afagar, a ajudar, a brincar, a ler, a formar palavras... A retenção fotográfica desses seres, coisas e gestos é uma forma de ser cúmplice deles, de torná-los dignos e de conceder-lhes certa continuidade. (WUNDER,p.1, 2008)

Visando preservar a identidade das “crianças-fotógrafas” as nomeei de príncipes (meninos) e princesas (meninas): príncipes Adam, Eric, John, Phillip e Shang e as princesas Bela, Mulan, Pocahontas, Jasmine, Aurora e Rapunzel.¹

Em minha monografia, para melhor sistematizar os dados coletados, foram elencadas duas categorias, a primeira intitulada *Como vejo meu espaço de aprendizagem: os sentidos da sala de aula através de imagens* e a segunda “*O corpo estremece, as pernas*

desobedecem: descobrindo a não disciplina do espaço escolar” tendo como objetivo apresentar, através das fotografias, momentos que refutam o idealizado pela escola no que diz respeito ao processo de disciplinarização.

No entanto, para esse texto, resolvi abordar somente a primeira categoria, que se referiu aos sentidos da sala de aula apresentado pelas crianças através das imagens, com o objetivo de apresentar as fotografias e os possíveis significados atribuídos por elas ao seu espaço de aprendizagem - a sala de aula.

Como vejo meu espaço de aprendizagem: os sentidos da sala de aula através das imagens

“As imagens não são exatamente o que se vê, o que se pensa que é real - são tão polissêmicas quanto as palavras.”
(CARNICEL, 2002, p. 43)

Formado por um conjunto de regras, sentimentos, sensações, o espaço escolar apresenta inúmeras significações e valores que atuam diretamente no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos tornando-se um elemento constitutivo do currículo escolar, considerando que todos os objetos e linguagens ali encontradas possibilitam aprendizagens. Deste modo, o ambiente escolar, em especial a sala de aula, circunstancia condições que denotam um currículo oculto, fonte de inumeráveis aprendizagens para o aluno. Como destaca Silva (2005),

[...] o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes (...) o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações. (SILVA, 2005, p. 78)

O espaço/currículo que serviu de objeto de estudo desta pesquisa é composto pela seguinte mobília: seis mesas quadradas

Olh@res, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 410-431, Novembro, 2013.

acompanhadas por quatro cadeiras, em tamanho apropriado para a idade das crianças, quadro-negro, uma estante para guardar os livros didáticos, dois armários fixado nas paredes para o armazenamento do material pedagógico, um armário de ferro utilizado para cadernos de português e, de desenho, além de uma mesa para as professoras e um ventilador de parede.

No fundo da sala, há uma pequena estante contendo brinquedos e alfabetos móveis e outra estante denominada “cantinho da leitura”, onde podem ser encontrados os livros de histórias infantis além de um suporte para teatro de fantoches. Este ambiente é decorado por cartazes construídos a partir de atividades envolvendo a escrita das crianças, por calendários, tabela numérica e alfabética, por uma imagem de um palhaço informando a data de aniversário e por um aquário confeccionado com TNT¹ e com EVA².

Para iniciar a realização das fotografias com as crianças, realizei uma rodinha de conversa para explicar a elas que iriam participar de uma pesquisa que a “Pró Isis” estava fazendo para um trabalho da universidade. Em seguida realizamos um acordo, quando expliquei que seriam entreguem somente algumas máquinas fotográficas para que pudessem fotografar o que mais gostavam na escola, os objetos que mais chamava a sua atenção, deixando-as livre para apresentar como elas viam o espaço escolar. Divididas em grupos comentei que cada dia seriam escolhidas três ou quatro crianças-fotógrafas, já que contávamos com apenas cinco máquinas. Cada criança permaneceu com a máquina fotográfica por 20 minutos, durante o primeiro momento de sua rotina, ou seja, a acolhida, fazendo uma verdadeira “algazarra organizada”.

¹ TNT é a sigla para Tecido Não Tecido, um material muito utilizado em decorações e artesanatos devido à sua flexibilidade.

² EVA é uma borracha não tóxica, utilizada para a confecção de artesanatos e materiais didáticos. Olh@res, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 410-431, Novembro, 2013.

É importante salientar que não foram observadas detalhadamente as cerca de 300 fotografias produzidas pelas crianças, mas o interessante é que poucas imagens se repetiram. Mesmo tirando

fotos do mesmo objeto, diferentes focos e ângulos foram aparecendo à medida que manipulavam a máquina.

Após a entrega das máquinas, fui percebendo que elas se interessavam por coisas diferentes dentro daquele espaço. Muitas começaram a fotografar seus brinquedos, seus amiguinhos³, suas atividades, os cartazes expostos nas paredes da sala, as escritas do quadro, seu universo escolar, como podemos observar pelas Imagens 1, 2 e 3.

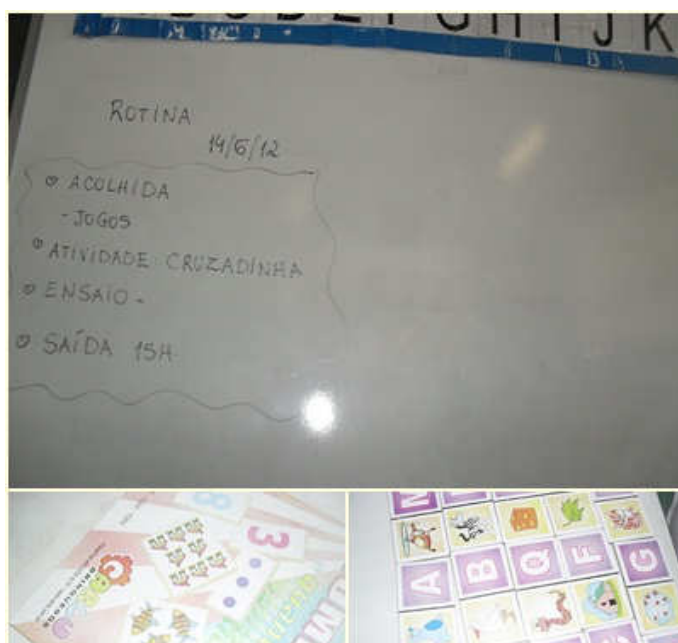


Imagem 1: Montagem realizada por Isis a partir das fotografias produzidas pela Princesa Jasmine

³ Vale ressaltar que devido a um acordo realizado com a instituição escolar, as imagens contendo os rostos das crianças não serão utilizadas nesta pesquisa. Olh@res, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 410-431, Novembro, 2013.



Imagem 2 : Montagem realizada por Isis a partir das fotografias produzidas pelo Príncipe John



Imagem 3 - Montagem realizada por Isis a partir das fotografias produzidas pelo Príncipe Phillip

Fui percebendo, então, que contrastes compõem e organizam o espaço destinado à sistematização do saber e à produção de conhecimentos. Ressalto que as montagens que realizei envolvendo as imagens das crianças tiveram a intenção de captar os diferentes sentidos sobre o mesmo objeto, capturar os diversos ambientes, mobiliários e materiais organizativos presentes na sala de aula em divergentes ângulos, *zooms* e contextos, afim de que pudesse analisar de modo panorâmico a disposição dos materiais encontrados nas fotografias e suas interações. Ao observar as crianças tirarem as fotografias me surpreendeu o fato de que, embora frequentassem o mesmo ambiente, apresentavam diferentes expressões aos elementos ali presentes. Elas se encantavam por diferentes espaços, imagens, painéis entre outros elementos presente no espaço da sala de aula.

Nas fotografias produzidas pela princesa Mulan (Imagem 4) fica destacado o painel decorativo que informa o dia e o mês dos aniversariantes da turma. Esta criança tentou retratar a imagem do palhaço por inteiro, mas devido ao ângulo em que ela se encontrava e o seu tamanho, pude perceber que a criança não conseguiu fazer uma imagem total da figura, apresentando, em fotos diferentes, diversas partes do palhaço: seus pés, os balões contendo os nomes dos seus colegas. Deste modo, pude inferir o quanto a criança poderá construir significados a partir do momento em que consegue estabelecer relações com os elementos presentes no seu espaço de aprendizagem.



Imagem 4: Montagem realizada por Isis a partir das fotografias produzidas pela princesa Mulan

Nas imagens produzidas pela Princesa Pocahontas (Imagem 5) são apresentadas algumas mochilas de seus colegas, em diferentes ângulos. É importante salientar que dentre as cinco fotografias, apenas uma pertencia a um menino (a verde), e as demais eram de meninas. As fotografias tiradas deste objeto pode nos remeter às influências que estas crianças recebem sobre as construções de gêneros que são disseminadas dentro do espaço escolar, sobre a ótica de que o “verde é coisa de menino e a rosa de menina”.



Imagem 5: Montagem realizada por Isis a partir das fotografias produzidas pela Princesa Pocahontas.

Diante das montagens realizadas a partir das imagens das crianças, percebemos o quanto os materiais pertencentes à sala de aula não se configuram como objetos que se colocam *naturalmente* no espaço. O menor material decorativo deve ser considerado como parte integrante do currículo escolar, visto que provoca uma multiplicidade de sentidos, proporcionando às crianças, produções diferenciadas de significações sobre o espaço escolar.

O espaço se constitui numa matriz de percepções dos elementos que compõem os lugares, os sujeitos e as suas relações, bem como os fluxos que os modificam, face às posições ocupadas pelos sujeitos e suas visões de mundo. (SILVA et al 2011, p.7)

Dentre os espaços que mais apareceram durante a pesquisa, as crianças tiraram fotos dos cartazes expostos e construídos por elas e pelas professoras, como pode ser observado na fotografia tirada pela Princesa Bela na Imagem 6.

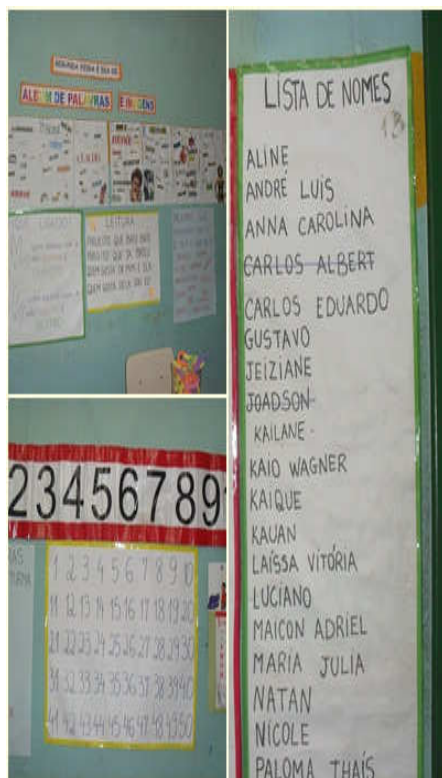


Imagem 6: Montagem realizada por Isis a partir das fotografias produzidas pela Princesa Bela

O espaço da sala de aula pode ser compreendido como um produto de interações que geram múltiplos sentidos, que [...] *“possui uma dimensão pedagógica, na maioria das vezes implícita, independente da intencionalidade ou dos objetivos explícitos da escola”*. (DAYRELL, 1996, p.151)

A Imagem 7, a seguir, apresenta uma visão mais ampla da sala de aula. Tirada sob o reflexo de um espelho, que foi colocado na parede pela professora, com a intenção de que as crianças percebessem suas diferenças e mudanças no que diz respeito às questões corporais e identitária me permitiu consolidar aquilo que afirmam as discussões desta pesquisa, de que a sala de aula transmite conhecimentos para além do que é projetado pelos currículos formais, visto que os materiais que organizam e dinamizam o ambiente escolar também educam.



Imagem 7: Montagem realizada por Isis a partir das fotografias produzidas pelo Príncipe Eric

Esta fotografia produzida pelo Príncipe Eric permite consolidar aquilo que afirmam as discussões desta pesquisa, quando dizemos que a sala de aula pode ser considerada como um reflexo da escola, visto que neste espaço, ocorre a representação daquilo que é visto pelas crianças.

Enfim, muito ainda se tem a investigar sobre os significados atribuídos ao espaço escolar a partir do olhar das crianças. Por isso, este estudo não se encerra aqui, contudo é importante ressaltar que as crianças são, sim, produtoras de saberes; o que lhes falta é o reconhecimento e a sua valorização.

Breves considerações

O currículo apresenta uma dimensão implícita de conhecimento, que auxilia no processo de aprendizagem das crianças. O currículo sistematizado, quando integrado aos aspectos do ambiente escolar precisa de intensas variações para que venha a ser um espaço de plena expressão do educando, dado que o meio físico fala, emitindo mensagens explícita ou implicitamente.

A análise dos dados permitiu considerar que fazem parte do currículo, além dos conteúdos escolares, o aspecto da arquitetura e a organização deste espaço, e que tais elementos contribuem na produção de saberes, valores e comportamentos.

Perceber que quando falamos em crianças, estamos nos remetendo a um mundo repleto de significados e representações foi um fator primordial neste trabalho. Não estou aqui generalizando todos os contextos educacionais voltados a crianças de 6 e 7 anos de idade, visto que a pesquisa foi realizada em uma turma exclusiva do 1º ano do Ensino Fundamental da cidade de Feira de Santana. Mas pude compreender, de modo sucinto, que estes sujeitos ao serem inseridos neste ambiente poderão construir saberes a partir do processo de interação com outras pessoas, objetos e conhecimentos.

Gostaria de chamar atenção para a necessidade em ampliarmos os estudos voltados aos espaços escolares. Poucas são as discussões acadêmicas referentes a este ambiente, levando em consideração a sua

significação a partir de conceitos criados pelos seus participantes, neste caso, as crianças.

Nessa medida, é notório que o estudo realizado suscita outras investigações, como por exemplo, as abordagens de gênero, as contribuições do “currículo oculto” na relação ensino-aprendizagem entre outras, que podem ser retomadas posteriormente em outros estudos. Dessa maneira, o tema espaço escolar e suas (im)possibilidades de significados não se esgota com esse trabalho, mas sim, abre um leque de questionamentos para possíveis discussões sobre este assunto.

Os resultados desta pesquisa mostram que é preciso compreender que as informações perpassadas pelo o espaço físico precisam estar articuladas ao saber escolar.

Deste modo, a presente pesquisa tenta contribuir para reflexões acerca da compreensão das crianças como construtoras de conhecimentos, no que diz respeito a esta temática, para avanços nestas discussões em âmbito acadêmico e social.

Referências Bibliográficas

CARNICEL, Amarildo. **Fotografia e inquietação**: uma leitura da imagem a partir da relação fotografo-fotografado. *Resgate* (11), p.41-54, 2002.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola como espaço sócio-cultural In: DAYRELL, Juarez Tarcísio (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.

ELALI, Gleice Azambuja. **O ambiente da escola – o ambiente na escola**: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19047.pdf>. Acesso em 18/07/2012.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**: do nascimento a prisão. Petrópolis, 1999.

GONÇALVES, Rita de Cássia Pacheco. **Arquitetura Flexível e Pedagogia Ativa**: Um (Des)Encontro Nas Escolas De Espaços Abertos. Tese de Doutorado, Janeiro de 2011.

HORN, Maria da Graça Souza. A construção do espaço e as diferentes linguagens: In: REDIN, Euclides; MULLER, Fernanda (org). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Editora Mediação: Porto Alegre, 2007.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, p. 9-43, Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/rbhe/RBHE1.pdf> 2001. Acesso em 13/07/12

SILVA, Antonia Almeida; UZÊDA ,Leomarcia. **Espaço social e espaço escolar**: Interfaces e contradições no contexto do ensino fundamental de 9 anos. *Revista Contrapontos - Eletrônica* Vol. 11 - n. 2 - p. 161-169 / mai-ago 2011. Disponível em <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2752/1916>. Acesso em 15/07/2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Quem escondeu o currículo oculto. In **Documento de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, p. 77-152, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVEIRA, Denise Barros. A Escola na visão das crianças. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt07/p074.pdf>. Acesso em 15/07/2012.

Olh@res, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 410-431, Novembro, 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primaria graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)- São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

VINÃO, Antônio. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Aleino(org). **História da educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

WUNDER, Alik. **“A passagem de um vazio” em fotografias de escolas.** Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=38&id=460>. Acesso em 24/07/2012.